



Macacos-aranha no zoológico de São Paulo: especialistas lutam pela preservação

Antônio Lácio/AE

Amazônia poderá virar Etiópia

BRASÍLIA — Várias espécies de primatas do Brasil e do mundo estão perto da extinção em consequência da destruição sistemática das florestas, o que pode levar a um desastre ecológico mundial. Muitos macacos fundamentais para pesquisas biológicas, na busca de vacinas, também estão desaparecendo. E caso o atual modelo de desenvolvimento continue, a Amazônia corre o risco de se transformar numa grande e miserável Etiópia. Estes são alguns dos problemas apontados por quatro cientistas que participaram do 12º Congresso Internacional de Primatologia. Eles foram reunidos pelo Estado para um debate sobre os problemas do meio ambiente, discutidos durante duas horas.

"Em dois anos, os macacos podem nos ajudar a chegar à vacina contra a Aids", afirma o professor Boris Lapin, presidente do

Instituto de Patologia Experimental e Terapêutica da União Soviética. "Por que em vez de cortar as árvores não se aproveita a floresta amazônica para instalar uma espécie de fazenda de macacos, por exemplo, que vendidos no mercado internacional rendem US\$ 20 mil por ano em apenas 50 hectares de mata?", pergunta o professor José Márcio Ayres, do Núcleo de Primatologia do Museu Emilio Goeldi, de Belém.

Para o professor John Hearn, biólogo inglês e presidente da Sociedade Internacional de Primatologia, não é "atitude inteligente promover o desenvolvimento através da destruição de florestas e primatas. É preciso um equilíbrio entre progresso e preservação da vida selvagem". Já o professor norte-americano Russel Mittermeier, vice-presidente da Fundação Mundial da Vida Selva-

gem, considera "catastrófica a destruição de oito milhões de hectares amazônicos somente no ano passado". Por isso, quer usar a salvação dos macacos "como uma bandeira, um símbolo em defesa do meio ambiente".

Mas Mittermeier diz que ainda tem esperanças para o Brasil, se a nova Constituição for cumprida, "pois o capítulo sobre meio ambiente é o melhor e mais interessante entre todas as constituintes do mundo". Ele explica que o Brasil é o país mais rico do mundo em primatas, com 55 espécies. Ressalta, entretanto, que os micos-leões estão perto da extinção, junto com a mata atlântica.

O biólogo inglês Hearn lembra a importância dos estudos com macacos no avanço do combate às doenças infecciosas, "sem falar na Aids, com pesquisas desenvolvidas com homens e primatas, sendo que os primatas podem ser-

vir de campo experimental para a doença em relação aos humanos".

Para Mittermeier, a melhor maneira de salvar as florestas brasileiras, que segundo ele representam cerca de 30% das florestas tropicais do mundo, é usar os primatas como símbolos. O professor Hearn defende a existência de equilíbrio entre o desenvolvimento e a vida selvagem: "A população humana chegou a um bilhão de pessoas há apenas certos anos e agora já é de cinco bilhões, devendo dobrar logo. O problema é que será justamente nas áreas que servem de habitat para os primatas que se dará esta explosão populacional". Assim como ele, Russel aprova o desenvolvimento, desde que esteja aliado ao conservacionismo. "Não se pode ter desenvolvimento a longo prazo sem conservar os recursos naturais e biológicos."



Ricardo Lapin/AE

Lapin: pesquisa e ambiente

Devastação é contínua na área

A maneira como o "desenvolvimento" chegou ao Sul e Leste da Amazônia, ameaçando espécies de primatas e plantas, também foi debatida pelos cientistas. De acordo com o professor Ayres, caso a devastação continue, "em dez anos certas áreas amazônicas estarão na situação da mata atlântica". O problema, segundo Mittermeier, "é que até recentemente dois milhões de hectares estavam sendo destruídos por ano na Amazônia. Temos dados mostrando que somente em 87 foram destruídos oito milhões. São quatro vezes mais e isso é extremamente perigoso. Tudo pode estar acabado em poucos anos".

Ayres acha que o momento agora é de agir, antes que a região "vire uma grande Etiópia dentro do Brasil". E diz que a preservação dos primatas ajudará a conservar outras formas de vida na Amazônia, "como florestas, plantas, outros animais e, claro, o homem. É um assunto de interesse global".

A importância dos primatas para as pesquisas sobre a Aids foi lembrada por todos os participantes do debate. O russo Lapin frisou que os macacos são os únicos animais suscetíveis tanto ao vírus da doença nos humanos, o HIV, quanto ao SIV, da imunode-

ficiência em símios. "Talvez estudando o modelo da Aids simia chegemos ao entendimento da Aids humana." O professor diz que é difícil prever quando se conseguirá desenvolver uma vacina contra a doença, mas acha que isso talvez seja possível dentro de dois anos.

Hearn considera esse prazo muito curto, uma vez que a Aids "é uma doença completamente nova, que trabalha de uma maneira que ainda não prevemos. Ela destrói o sistema imunológico. Não é possível prever um momento em que teremos achado a cura ou a vacina, simplesmente porque ainda não sabemos como a Aids funciona".

Isso, entretanto, não invalida, segundo ele, as atuais pesquisas com macacos. "Pelo contrário. Os primatas representam vantagens para a pesquisa, porque somente neles podemos estudar os primeiros estágios da infecção e a forma como ela destrói o sistema imunológico, o que não é possível descobrir em humanos, uma vez que nesse estágio a doença ainda não se manifestou externamente. Nesse aspecto, portanto, os macacos são absolutamente essenciais."

Quanto ao fato de a Aids ter-se originado dos primatas, o

professor diz que é algo ainda em estudo: "Sabemos que temos uma Aids nos símios que é similar e os macacos morreram disso. Sabemos que os humanos têm seu próprio vírus da doença. Embora sejam semelhantes, não se pode ainda dizer que ela tenha tido sua origem dos primatas".

Hearn lembrou que o vírus muda constantemente. "Vamos estudando e encontrando vários retrovírus (vírus que se originam de um único vírus) diferentes." Essa mutação representa, segundo Lapin, a principal dificuldade: "Se você isola o vírus nos estágios iniciais da doença e acompanha o seu desenvolvimento após dois meses, três meses, um ano, você vai se deparar com alguma coisa completamente diferente. Mudou bastante a estrutura molecular e genética do vírus. Uma vez que ele muda duramente a infecção, é difícil até saber se a vacina terá de fato resultado efetivo".

Como exemplo disso, lembrou que há dois anos os cientistas achavam que a Aids atacava somente o sistema linfático. Depois, descobriram que "infelizmente não fica somente nisso. As demais células do organismo, incluindo as cerebrais, aceitam o vírus".